

AS USINAS DE CAROÁ

É ainda existente e praticado no sertão do Nordeste a operação rudimentar de conseguir a fibra de caroá esmigalhando sua fôlha com o auxílio de uma pedra lisa. Encontra-se também o sistema de desfibrar deixando as fôlhas daquela bromeliácea de môlho de quatro a sete dias fazendo depois a "batedura" contra um lajedo ou um tronco de madeira sólida. Em seguida outro banho e nova batedura até se desprender tôda a polpa da planta ficando sômente as fibras do caroá. É possível mencionar ainda a primitiva maneira de obter a fibra através da raspagem da fôlha. Isso já era conhecido do elemento indígena, principalmente a raspagem que apesar de muito rudimentar servia perfeitamente ao objetivo de sua obtenção.

Tais processos foram descritos por ARRUDA CÂMARA na primeira monografia sôbre o caroá, editada em 1810 com o título *Dissertação sôbre as plantas do Brasil* — que podem dar linhos para muitos usos da sociedade, e suprir a falta de cânhamo.

Nenhum dêesses sistemas entretanto é de grande utilização. Servem apenas para nos dar idéia do modo como era tratado o caroá em época não muito remota. Classificamo-los portanto como "velhas formas de cultura" que ainda se conservam graças ao aferrado tradicionalismo do sertanejo do Nordeste e principalmente à utilização que ainda se dá à fibra do caroá no sertão: fabricação de cordas e de determinado tipo de rêde e que caracteriza de certa forma uma "indústria doméstica" nessa região.

O que é característico e generalizado para tratar o caroá nos tempos presentes, é a chamada "usina", ou "desfibradora", ou "beneficiadora" de caroá, ou ainda, a "fábrica". Encontramo-la sob estas várias denominações sem particularidade de zona. O mesmo informante dará todos êstes nomes em menos de meia hora de palestra. A primeira entretanto — usina — é a mais usada, resultado talvez de um reflexo originado pelas usinas de açúcar da "Mata".

Essa variada denominação serve para indicar as construções, via de regra de tijolo e telha, onde se acham as "máquinas desidratadoras" movidas quase sempre a vapor, as "prensas" e os "cordões de secagem", localizados ao ar livre, nos fundos ou ao lado das construções.

As máquinas desidratadoras, como especifica o termo, servem para desidratar a fôlha do caroá. São compostas de dois rolos estreitos dentados e bem ajustados. Um eixo central, comum a tôdas as máquinas está ligado ao motor por uma correia. Êste é o princípio geral encontrando-se entretanto variações numerosas, provenientes de adaptações, melhoramentos, etc. A fôrça motriz dessas máquinas é conseguida por vapor e mais modernamente pela queima de óleo. Êste último combustível não tem tido boa aceitação uma vez que encarece sobremodo a produção das usinas.

O homem ou mulher que trabalha nas máquinas chama-se "desfibrador". Com luvas de couro ou da própria fibra êle coloca duas ou três fôlhas entre os rolos segurando uma das extremidades com firmeza. As fôlhas são em seguida puxadas e repete-se a operação, desta vez pela outra extremidade do caroá. De tal maneira que terminada, resta sômente um feixe de fibras esbranquiçadas. Tal operação quando o operário tem experiência não dura mais de dez segundos.

Depois de desidratado o caroá é colocado nos "secadores". Os secadores são fileiras de arame bem estendido com altura de um metro a metro e meio. Bem espaçados, estão classificados de forma a ser possível diferenciar as fibras postas a secar em determinado dia.

Ao fim de alguns dias, nunca menos de quatro, as fibras já sêcas são retiradas para serem catadas. Esta parte é feita quase sempre fora da usina, nas casas dos operários, uma vez que, são as suas mulheres que se ocupam de tal mister. Esta é uma operação penosa que necessita grande paciência. São separados os fios maiores dos menores assim como deixados de lado uma parte imprestável para as fábricas de tecidos ou cordoarias. Esta parte inferior será usada na fabricação de estôpas e outros produtos grosseiros.

Depois de catado, o caroá retorna à usina para a operação final que é a de "pensar" as fibras em fardos de sessenta quilos ou em arrôbas de quinze. As prensas são as mais variadas possíveis. Encontram-se desde a "hidráulica" de construção moderna e esmerada até as de fabricação antiga, primitivas, quando não são adaptadas com outras peças feitas no próprio local. Enfim acha-se o caroá em condições de ser transportado para os depô-

sitos ou diretamente aos compradores, no caso da Paraíba, da Bahia, etc. Em Pernambuco, toda a produção de caroá das beneficiadoras é enviada para a Cooperativa de São Caetano que é o órgão que supervisiona e orienta a indústria extrativa de tal fibra. Na Cooperativa éle será classificado em padrões já estabelecidos para o consumo nas fábricas do litoral. A produção da Paraíba é absorvida por Campina Grande que a revende para Recife

Cada usina tem de três até nove ou dez máquinas desidratadoras dependendo isto dos meios de seus proprietários, das reservas de caroá na zona e da concorrência de outras desfibradoras nas proximidades. É interessante assinalar que as grandes usinas estão sempre situadas em condições privilegiadas. Isto se explica pelo fato de elas pertencerem às fábricas de fiação, tecelagem, etc., que mantêm técnicos em constantes trabalhos, não só de apuração da espécie mas também para sua localização de modo a ser explorado economicamente com vantagem.

As grandes usinas possuem sempre várias casas em seu redor para os operários. Em muitos casos encontra-se mesmo uma escola, o ambulatório e a cooperativa. É uma forma de fazer com que o homem se fixe no local e acima de tudo guarde a maior parte de seu tempo para o trabalho da "fábrica".

Devido à irregularidade de obtenção de matéria prima e para não quebrar o regime de trabalho do homem, o pagamento é feito à base do que foi produzido, isto é, por "tarefa". Ao desfibrador é pago um preço por quilo de caroá, às catadoras um outro, aos prensadores também um diverso. Somente o foguista recebe à base de diária quando não é "sócio da firma".

As usinas de caroá estão distribuídas por todo o sertão do Nordeste mas principalmente no oeste do estado de Pernambuco que foi aliás o pioneiro da indústria do caroá. É nesse estado que se observa com mais importância um deslocamento periódico das "beneficiadoras" cujas causas são devidas a diversos fatos tais como:

a) A grande maioria dos catadores fazem disto apenas uma forma subsidiária de meio de subsistência. Assim sendo a extração do caroá é irregular e descuidada. Quando o sertanejo se volta para a roça ou para o "criatório" a usina tem que interromper suas atividades passando muitas vezes vários meses parada. Devido a isso ela é transportada para outro local onde a aquisição de matéria prima e até certo ponto, mão de obra torne-se viável.

b) O rápido esgotamento da lenha que é usada como combustível, acarreta obstáculos quase intransponíveis ao funcionamento da usina. Em muitos casos, principalmente quando ela é de pequenas proporções e não pode arcar com a despesa de comprar lenha em lugares muito distantes, faz-se necessário transferi-la ao fim de dois ou três anos para áreas onde haja ocorrência de caroá e madeiras de lenha.

c) Apesar da fácil renovação das folhas do caroá, uma vez esgotada a zona cuja área nunca vai além dos trinta quilômetros de raio, torna-se imperioso transferir as máquinas para outro lugar onde elas funcionarão durante outros três ou quatro meses.

d) A presença de água é fator importante na localização e permanência das usinas em determinada zona.

Deve-se frisar que esse "caráter nômade" das beneficiadoras não é regra geral; nem mesmo é fenômeno preponderante mas pela sua peculiaridade torna-se digno de registro. Muitas vezes, ocorrido qualquer dos fatos mencionados as "fábricas" interrompem suas atividades. Encontrar-se-ão muitas delas que funcionam a média de noventa dias no ano. Isto é mais freqüente quando o proprietário da usina é do lugar e tem quase sempre outras ocupações. Em geral é o "dono das terras" ou o grande "criador" da região.

Se as "usinas de caroá" não atingiram ainda um desenvolvimento capaz de classificá-las como "indústria" no seu conceito mais amplo, tiveram entretanto a grande virtude de levantar um pouco o padrão de vida dos habitantes daquelas regiões. Tipo de economia de expressão apenas local ou quando muito regional, tem num futuro próximo, horizontes ilimitados a explorar.

NEY STRAUCH

